



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

## **REPERTÓRIOS LITERÁRIOS NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO – A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A CONSTRUÇÃO DE UMA DIDÁTICA POÉTICA NO ENSINO, NA EXTENSÃO E NA PESQUISA**

Ingrid Santos Silva - Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Cícera Daiane Viana Ditoso - Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Gessilane Araújo dos Santos - Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Maianne Santos Ribeiro - Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Claudia Maisa Antunes Lins (Orientadora) - Universidade do Estado da Bahia - UNEB

### **RESUMO**

Pesquisa realizada no Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra-Portugal, resulta a tese “Diálogos do Riso – Um campo aberto para repensar a arte e a educação” (2020), tem a Literatura e a Poesia como linguagem orientadora e discute a relação entre a Arte e a Educação através dos conceitos de fronteira e tradução (SANTOS, 2010; RIBEIRO, 2005). Com esse repertório inaugura-se um trabalho de formação de pedagogos, no curso de licenciatura, a partir de um mergulho na Literatura e na Poesia; trabalho que se concretiza no Departamento de Ciência Humanas III – Universidade do Estado da Bahia (UNEB), nos componentes Estágio Curricular Supervisionado, Pesquisa e Prática Pedagógica; repercute nas orientações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e Iniciação Científica (IC); favorece na criação do projeto de Extensão Literatura e Vida. Tal percurso movimentou práticas pedagógicas que nos autoriza a enxergar uma didática poética. Este painel traz reflexões teórico-metodológicas em torno das experiências vivenciadas com estudantes de Pedagogia nos anos 2018/2019/2022/2023; apresenta repertório pedagógico orientado pela Literatura e pela Poesia, como um modo de pensamento, que na fronteira com a Pedagogia nos oferece uma Didática orientada pelo afeto, proximidade, amor e diálogo, abrindo campos frutíferos no âmbito do ensino, pesquisa e extensão, traz perfis a partir das histórias de vida de estudantes de Educação de Jovens e Adultos (EJA); encontra fendas nos diálogos poéticos e políticos com jovens estudantes de escolas públicas e ONG’s; e atravessa os sucos das cicatrizes dos sujeitos da prática pedagógica da educação escolar e não escolar.

**Palavras-chave:** Pedagogia, Literatura, Didática Poética.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

## A LITERATURA NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Claudia Maisa Antunes Lins - UNEB  
Ingrid Santos Silva - UNEB

### RESUMO

No âmbito dos componentes Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP), Estágio Curricular Supervisionado, as estudantes foram estimuladas à leitura de textos literários, incluindo contos, crônicas, romances e entrevistas com poetas, dessa forma acionaram outro modo de pensamento, através da Literatura e da Poesia; a costura destas referências às leituras complementares no campo da Sociologia, Crítica Literária e Pedagogia, ampliou nossa lucidez em torno de uma “ecologia de saberes” (SANTOS, 2010), e ainda possibilitou um trabalho prático de “tradução” na “fronteira” (SANTOS, 2010; RIBEIRO, 2005) entre campos epistemológicos distintos, envolvendo saberes e aprendizagens da Pedagogia, da Literatura e da Sociologia, uma proposta epistemológica apresentada pela pesquisa “Diálogos do Riso – Um campo aberto para repensar a arte e educação” (LINS, 2020). Tivemos como referenciais para reflexão, Manoel de Barros, Gabriel García Márquez, José Saramago, João Carrascoza, Amos Oz, Sophia de Mello Breyner, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Boaventura de Sousa Santos, Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöllner, Johan Huzinga, com essa base teórico-metodológica construímos um repertório prático que resultou: no planejamento e realização de oficinas literárias com crianças de uma escola pública municipal, na organização do livro de contos *Memórias Contadas* nascido das memórias escolares das estudantes, e participação no projeto de Extensão Literatura e Vida. O artigo trará reflexões a partir das práticas pedagógicas nos componentes PPP III e IV (2019), Estágio IV (2022), do trabalho de Iniciação Científica (2022-2023), da parceria com a comunidade externa: escolas públicas e Organizações Não Governamentais (ONGs). Experiências estas que abriram um campo frutífero para uma Didática Poética.

**Palavras-Chave:** Pesquisa e Prática Pedagógica, Estágio, Literatura.

### INTRODUÇÃO

Ao longo de quatro anos, a presença da Literatura orientou a elaboração e execução de atividades dentro do espaço acadêmico, especialmente no curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia - Campus III. Estas interações incluem experiências de disciplinas curriculares, Pesquisa e Prática Pedagógica, Estágio Curricular Supervisionado e projetos de extensão e de pesquisa, a flexibilidade da arte literária permite que o produto de cada uma destas propostas ganhe sua própria identidade.

Pesquisa e Prática Pedagógica III e VI são componentes curriculares do curso de Licenciatura em Pedagogia que em sua natureza abrem um campo epistemológico de diálogo entre diferentes disciplinas. Oferecidos nos terceiro e quarto semestres têm como ementa: “Desenvolver oficinas pedagógicas e outras atividades e conteúdos que venham potencializar a articulação entre as disciplinas do semestre. As produções intelectuais, acadêmicas e/ou

exploração de pesquisa relacionada à docência; ferramentas metodológicas.” (Documento de planejamento, 2019).

Nos semestres 2019.1 e 2019.2 esses referidos componentes foram estruturados por uma construção epistemológica envolvendo, no âmbito do ensino, os campos da Literatura, da Sociologia, e da Prática Pedagógica; e no âmbito da extensão envolveu o Projeto de Extensão Literatura e Vida, na época recém criado no Departamento de Ciências Humanas – Campus III, vivenciando uma experiência de conhecimento na “fronteira” (SANTOS, 2010; RIBEIRO, 2005) entre diferentes campos. Um desdobramento pedagógico da pesquisa “Diálogos do Riso – Um campo aberto para repensar a arte e educação” (LINS, 2020).

PPP III teve seu repertório epistemológico estruturado a partir de trabalhos pedagógicos intervalados entre práticas de escrita e reescrita da própria memória escolar, aprofundando as possibilidades pedagógicas e poéticas com a memória a partir da Trilogia “Memórias Inventadas”, de Manoel de Barros; reflexões teórico-metodológicas ancorada pela Sociologia, através dos textos “Uma sociologia das ausências e uma sociologias das emergências” e “A ecologia de saberes” (SANTOS, 2010); somando do mesmo autor recortes do livro *O direito do Oprimidos* (2014), cuja experiência foi possível ver brotar do trabalho de campo do sociólogo os conceitos e repertórios teóricos, observando assim uma espécie de nascedouro de uma pesquisa a partir de um trabalho de campo, contemplamos a ecologia de saberes observando os diversos saberes externos à ciência, e a construção do conhecimento.

A partir desta base ampliou-se o repertório literário com Manoel de Barros, José Saramago e Clarice Lispector; entramos num campo de reflexão em torno do nosso papel enquanto acadêmicas a partir do texto “O etnógrafo” (BORGES, 1970, p. 19-21). A convivência com a linguagem artística aguçou a dimensão lúdica e avançamos para uma atividade prática com as crianças da Escola Maria de Lourdes Duarte, tendo como base para as nossas reflexões o quarto capítulo do livro de Maturana e Gerda Verden Zöller: “Brincar o caminho desdenhado”; e do sétimo capítulo de livro de Huizinga “O Jogo e a poesia”.

O projeto para Pesquisa e Prática Pedagógica IV, confirmando-se como uma continuidade de PPP III, cumpriu o objetivo: experimentar a linguagem artística através de contos e/ou livros literários nas aulas, bem como realizar o planejamento da segunda etapa de oficinas a serem vivenciadas com as crianças, e levantar reflexões acerca da vivência com essa linguagem no âmbito da educação.

Em PPP IV o repertório literário é ampliado. Avançamos com Sophia de Mello Breyner, na leitura do conto “A viagem”; com Amós Oz na leitura do conto “Os que são próximos”, e com Gabriel García Márquez, na leitura do livro *Cheiro de Goiaba* (1982), Carta

de Fernando Pessoa a Casais Monteiro; e ainda de Fernando Pessoa “Notas para a Recordação do meu mestre Caetano”. Tivemos ainda uma experiência de leitura em grupo, de livros de João Carrascoza, Mia Couto, Carolina Maria de Jesus, Ítalo Calvino, José Saramago, Amós Oz, Clarice Lispector, Eliane Brum.

Tal repertório tratou-se de um mergulho na linguagem artística, através da Literatura, configurando-se em uma estrutura de oficina literária com os estudantes de Pesquisa e Prática Pedagógica, um movimento que proporcionou uma reflexão teórica acerca do conhecimento e das diferentes formas de aproximação da realidade, e como as diferentes linguagens seja a científica, ou artística têm seu próprio rigor na leitura da realidade. É a partir dessa vivência que a Memória Escolar é reescrita pelas estudantes como pequenos recortes em forma de contos e crônicas, que compuseram o livro “Memórias Contadas” (2020) – ainda não publicado –, vivenciando também a literatura como uma escrita autobiográfica.

Daqui saímos para a segunda experiência de realização de oficina literária com as crianças da Escola Maria de Lourdes Duarte; e grávidas de criatividade para continuarmos com a Literatura agora por dentro do Projeto de Extensão Literatura e Vida, e por dentro da Brinquedoteca Universitária Manoel de Barros, onde realizamos projetos literários com as crianças: Histórias Contadas e Encantadas; Livros Andarilhos; Hoje tem Recital em Nosso Quintal; As canções que você cantou para mim.

Saindo dessa experiência, algumas estudantes passam a desenvolver um trabalho com Literatura através de subprojetos de Iniciação Científica, articulado ao Projeto de Pesquisa “A coautoria e o exercício de outridade na criação literária: identidade e identificações”, e realizam também um trabalho de campo envolvendo a Literatura, em Estágio Curricular Supervisionado e em TCC. É desta experiência que vislumbramos uma Didática Poética.

## **METODOLOGIA**

Para a realização do estudo, foram encontradas referências tanto voltadas para o campo científico das ciências sociais, quanto para a linguagem artística literária, ou como podemos chamar uma linguagem expressiva. Considerando as dezessete teses de Boaventura de Sousa Santos defendidas pelo sociólogo no livro *A gramática do Tempo: Para uma nova cultura política* (2010), no terceiro capítulo, pudemos vivenciar através das disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica III e IV, uma verdadeira “ecologia de saberes”, que busca facilitar a constituição de sujeitos individuais e coletivos adotando a concepção de que alguns saberes não subjazem outros.

Na ecologia dos saberes a intensificação da vontade exercita-se na luta contra a desorientação. Na ecologia de saberes a vontade é guiada por várias bússolas com múltiplas orientações. Não há critérios absolutos nem monopólios de verdade. Cada saber é portador da sua epistemologia pessoal. (SANTOS, 2010, p. 153)

Esta concepção nos permitiu transitar entre as duas linguagens durante a realização dos já mencionados componentes curriculares, Projetos de Extensão e de Pesquisa de Iniciação Científica, dialogando com cientistas, sociólogos, escritores e poetas, traçamos um perfil de projeto que visualiza na interação entre a autora e a leitora através da verdadeira experiência de viver uma obra, reconhecer-se nela e recriá-la, numa posição de coautoria, buscando em Lins (2020) a defesa desse lugar de recriação. Para compreender como se dá a relação entre autor e leitor durante esta experiência, buscamos na compreensão do conceito de coautoria de Lins (2020) no que diz respeito à recriação literária, que ao falar sobre a relação que é estabelecida entre esses dois sujeitos, este relacionamento a dois é uma experiência poética entre o sujeito quem cria a obra e um outro que, ao interagir com esta, estaria de certa forma recriando-a.

Outro estudo teórico metodológico que utilizamos para a construção do conceito-experiência destas atividades é a escrevivência presente nos escritos da educadora e escritora Conceição Evaristo em suas obras literárias, uma linguagem que revela suas percepções individuais enquanto pessoa e mulher negra em uma sociedade. Um mundo de olhares e vivências que rompem a hegemonia colonialista e silenciadora, trazendo à tona outros olhares, outras vozes.

Com a incorporação de outros referenciais literários foram abarcados outros conceitos e reflexões: memórias inventadas de Manoel de Barros, retiradas do baú da infância, uma forma de “transver” (BARROS, 2010, p. 350) o mundo com o olho da imaginação. Os contos-reportagem, de Eliane Brum; escritora e jornalista, que em sua obra *A Vida que Ninguém Vê* (2006), olha e faz olhar para as realidades de sujeitos que, até chegarem a ela, eram desconhecidos, mergulhando no cotidiano das ruas para provar que todos nós temos histórias para contar; o confessionário literário, de Edmar Conceição, que em seu livro *Conversas com Meu Filho Autista* (2021), escreve uma série de cartas a partir da rotina com seu amado filho Caio, trazendo as lágrimas e sorrisos da paternidade quando sua criança é diagnosticada com espectro autista, abrindo seu diário para os leitores, como podemos encontrar no pós-fácio da obra escrito por Marcos Cesário “Depois de ler estes bilhetes para Caio e para si mesmo, consigo me imaginar mais em Edmar. Compreender seu medo do medo do mundo” (2021, p. 85).

Adotando também a perspectiva de que toda a escrita literária pode também ser uma escrevivência, considerando que, quando a gente lê uma história, essa história passa a ser nossa. Decidimos fazer essa afirmação encontrando respaldo nos escritos de Conceição Evaristo quando diz que estas histórias não são totalmente dela, mas quase que lhe pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com a própria história dela (2011, p. 08).

As oficinas literárias, que abordam a linguagem da escrevivência através de obras literárias destes escritores, com o público de jovens e adolescentes em espaços de ensino escolar e não escolar, aconteceram no Colégio Hildete Lomanto, e no Centro de Formação Dom José Rodrigues, do Instituto Regional da Pequena Agropecuária (IRPAA), essa experiência com as oficinas ampliou ainda mais nosso repertório literário.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Vivenciamos outra racionalidade, a estético-expressiva (SANTOS, 2002), pudemos quase apalpar os aspectos relacionados a outro tipo de racionalidade e/ou consciência como o sonho e a imaginação. Avançamos na reflexão dando ênfase à forma, e de quando o conteúdo ganha forma, possibilitando vivenciarmos um pensamento que brotava da imaginação. A realidade apresentada no conto que parecia ficar na fronteira entre a ficção e o real, afetava a realidade (através de sentimentos e sensações) de quem leu e se envolveu com o conto.

A literatura enquanto linguagem envolve uma composição entre a realidade e a imaginação, e leva-nos a experimentar a imaginação como uma de elaboração da realidade, na verdade como uma fonte de criação da realidade, afinal como nos diz Gabriel García Márquez, em *Cheiro de Goiaba*, a imaginação é sempre realidade (MÁRQUEZ, 1982, p. 34).

Com toda a experiência com a Literatura, através dos componentes curriculares PPP III e IV, pudemos vivenciar a linguagem artística como modo de pensamento (LINS, 2020), Confirmamos, portanto o que diz Oscar Wilde: “A linguagem que é a mãe e não filha do pensamento” (WILDE, 1994, p. 111). Exercitar a alteridade (RAMALHO, 2008; Ribeiro, 2005), a coautoria (LINS, 2020), a outridade (RAMALHO, 2008). O exercício da alteridade nos possibilitou a vivência com a linguagem das artes como forma de conhecimento, reconhecimento, autoconhecimento, como afirma Lins (2020).

Com essa vivência nas oficinas literárias, partimos para a realização das oficinas com as crianças, nossa primeira experiência de compartilhamos o que tínhamos experimentado; acontece na ocasião na Escola Maria de Lourdes Duarte. Posteriormente amplia-se com

jovens, do Centro de Formação do Instituto da Pequena Agropecuária Apropriada; e adolescentes do Colégio Hildete Lomanto, em Juazeiro – Bahia.

Na experiência vivenciada com as crianças numa perspectiva do brincar, ampliamos nossas reflexões em torno das contribuições de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller, em *Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia* (2004), quando nos provoca mediante a afirmação de que “brincar é atentar para o presente.”, brincar é estar “envolvida com o que faz enquanto o faz. Se brinca de médico, é médico; se brinca de montar num cavalo, é isso que ela faz” (2004, p. 230). Nesse sentido brincar não deixa espaço para competição, nem projeta-se em êxitos e, portanto, como dizem Maturana e Verden-Zöller, não tem nada a ver com o futuro, porque “não é uma preparação para nada”, brincar, confirmam: “é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade.” (MATURANA & VERDEN- ZÖLLER, 2004, p. 230-231). O brincar, na infância, é uma forma de ter consciência de si e de ter consciência social (2004, p. 227).

Diante de tal lucidez a experiência literária com as crianças não apontou para uma moral comportamental, nem tão pouco desenvolveu-se uma didática para explicar conteúdos de qualquer que seja a área do conhecimento, pretendemos sim vivenciar as histórias trazidas nos contos e nos livros, em que pudéssemos chorar se fosse para chorar, rir se fosse de rir, gargalhar se fosse de gargalhar, refletir, testemunhar e aguçar o pensamento, ou seja, propomos uma experiência com essa linguagem que nos desse oportunidade de viver essas histórias através das sensações e sentimentos que as mesmas provocam em nós, abertas ao diálogo com as crianças acerca das histórias, deixando um espaço aberto para aqueles e aquelas (crianças) que queiram manifestar uma interpretação através de desenhos, etc.

Partimos do entendimento da Literatura enquanto linguagem, como uma experiência de natureza estética, que está centrada no prazer e que cria campos de reconciliação com o universo próprio da infância, que é a condição de brincar. Nesse sentido compreendemos que a brincadeira e a seriedade estão envolvidas numa dualidade que se complementam, não são, portanto, opostas, e por isso não compõem uma razão metonímica (SANTOS, 2010, p. 91), antes, como afirma Lins (2020) “a brincadeira e a seriedade precisam uma da outra para existirem”. A beleza encontrada na linguagem artística, da Literatura e da Poesia compõe-se de um carácter que envolve a ludicidade e a seriedade (HUIZINGA, 2008, p. 156); e por isso compõem semelhanças e proximidades com o universo cultural da criança. O lúdico, é portanto, uma fonte de apreensão do mundo.

Com adolescentes e jovens o trabalho com base no conceito de “escrevivência” de Conceição Evaristo, a experiência do reconhecimento e da alteridade, o jogo entre “escrever”

e “viver”, incorporando o cotidiano, a cultura e a ancestralidade de um povo contado por ele mesmo, a experiência de leitura literária tocou em algumas feridas. Uma intimidade protegida pela poesia, como defende Maria Zambrano, em *A metáfora do coração e outros escritos* (2000).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através destas experiências pudemos nos deparar com o vínculo (ou a falta dele) entre a vida destes/as crianças, adolescentes, jovens e adultos, com o ato de escrever, que para muitos deles era um campo ainda não muito explorado, e que ao ser visitado, proporcionou-lhes uma maior reflexão em torno das dimensões dessa linguagem, que abrange aspectos artísticos, culturais e socioemocionais da realidade através da ficção, a experiência de reconhecimento de si através do outro, e como esse conjunto de atividades com a Literatura pode ampliar a experiência pedagógica.

Para dar início às oficinas de escrita, foi proposta a experiência de leitura com autores selecionados pelo que podemos chamar de “escrita viva” pois remetem-se a experiências de humanidade, retirando de suas experiências ou da experiência de outro que lhe foi apresentada, uma fonte de criação para suas obras. Esses autores são: Manoel de Barros, poeta de “Memórias Inventadas” que encontra na infância a fonte de sua poesia, Clarice Lispector, que através de sua melancolia nos põe em frente a fronteira entre o prazer e a culpa, e José Saramago, romancista, dramaturgo e poeta, filho e neto de camponeses, que trouxe em seu livro *Deste Mundo e do Outro*, um recorte autobiográfico de contos dedicados a seus avós.

A proposta de oficinas recebeu continuidade na ementa curricular da disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica IV, que prosseguiu com os autores Gabriel García Márquez, escritor que costura a realidade e a ficção através da memória, e Fernando Pessoa, poeta e prosador da língua portuguesa com seus muitos heterônimos, através de ficções sociais, ora nos põe em frente a nós mesmos, ora em frente ao outro. Com a incorporação destes referenciais foram abarcados conceitos e reflexões acerca dessa comunicação única que acontece entre o sujeito que escreve e a memória vivida.

A próxima prática acontece no âmbito do projeto de extensão Literatura e Vida, que se inspira na pesquisa de campo vivida na tese “Diálogos do Riso – Um campo aberto para repensar a arte e a educação” (2020); este projeto que conta com a presença dos alunos de PPP III e IV, já marcados pela vivência dos referidos componentes, o que ampliou o repertório destes leitores para que através da ficção, vivenciassem experiências que são individuais, mas que possuem caráter coletivo. Estes encontros aconteceram entre os anos de

2019 e 2021, inicialmente de forma presencial, seguido pelos encontros *online* em 2020 por consequências da pandemia da Covid-19. Os frutos colhidos deste projeto foram muitos; Os encontros semanais em grupo que ampliou o repertório de referências literárias, as visitas para leitura de poesia e contos no Lar de Idosos São Vicente de Paulo, e os Subprojetos “Poeta por Poeta”, que comemorou os dois anos do Projeto de Extensão Literatura e Vida, e trouxe a oportunidade de conhecer poetas da região, bem como de nos expandir por dentro da poesia de outros poetas, que nos foram apresentados pelas pessoas convidadas, e o “Minha Estante é uma Janela”, sendo estes dois espaços convertidos em dois momentos: o primeiro, assíncrono, tempo em que as obras literárias escolhidas são lidas, experienciadas e sentidas na solidão de cada um; e o segundo, síncrono, lugar em que as solidões se encontram e conversam. “Minha Estante é uma janela” convidou autores para lançamento ou apresentação de seus livros, estes eventos aconteceram durante os anos de 2020 e 2021 seguindo o formato remoto.

Durante o ano de 2022, ocorreu a realização das oficinas literárias como produto da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado IV, no Centro de Formação Dom José Rodrigues, do Instituto Regional da Pequena Agropecuária (IRPAA), contando com a participação do público de Jovens estudantes da instituição. Para orientar a realização desta atividade, trabalhamos com o conceito *escrevivência*, uma proposta literária que conta a história de personagens reais ou inspirados por uma realidade, ficções que invocam costumes, ancestralidade, crenças, palavras que exploram a perspectiva e valores de pessoas do cotidiano. Nesta atividade abordamos o conceito de *escrevivência* a fim de explorar potencialmente a conexão entre a literatura e a vida real, a fim de explorar diferentes paisagens (cenários/histórias) que nos possibilitam tematizar esta relação entre obra e leitor considerando as individualidades e as singularidades de cada experiência, no entanto, para a realização desta oficina escolhemos trabalhar apenas com obras da escritora e educadora Conceição Evaristo, apresentando este conceito sempre adotado por ela em suas obras.

Esta mesma proposta recebeu continuidade durante o ano de 2023, dessa vez como produto do Sub-projeto de Iniciação Científica “*Escrevivência: Nossos Mundos*” ministrada apenas pela aluna bolsista de Iniciação Científica, Ingrid S. Silva, desta vez a realização das oficinas aconteceram no Colégio Hildete Lomanto, execução do conceito de *escrevivência* para o grupo de adolescentes cuja faixa etária era entre treze e quinze anos de idade. Um público mais jovem, embora não menos interessado, para este grupo a *escrevivência* foi apresentada através da obra de outros autores além da própria Conceição, nomes como Carolina Maria de Jesus, Edmar Conceição, Eliane Brum, Manoel de Barros, Lygia Fagundes

Telles e Clarice Lispector. A adição destes outros nomes da literatura vem para um aprofundamento do próprio conceito, uma vez que, a partir deste ponto, passamos a compreender que toda literatura trata-se de escrevivência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas experiências ao longo dos quatro anos, buscamos explorar potencialmente a conexão entre a Literatura e a vida real, afim de explorar diferentes paisagens (cenários/histórias) que nos possibilitam tematizar esta relação entre obra e leitor considerando suas individualidades e a singularidades, com o fim destas experiências, atribuímos como resultado a realização bem sucedida das oficinas literárias propostas para jovens e adolescentes, através destas experiências pudemos nos deparar com a linha tênue entre a realidade e a ficção: “essa história é real?” Uma pergunta que surgiu durante as oficinas do Colégio Hildete Lomanto e que nos coloca diante do desafio da linguagem artística que é se aproximar da realidade e falar dela e com ela através da imaginação, que a reinventa.

Também têm a consciência de que a linguagem artística, nesse caso a Literatura também se alimenta da comparação entre coisas que até podem parecer distintas, porém possui semelhanças, como por exemplo, comparar lembranças com águas, destacado por uma das jovens nos encontros. E se a poesia é mais difícil, é porque ainda não chegou ao coração de quem leu, porque quando a leitura alcança esta comunicação, o entendimento passa pela sensibilidade e pelo alcance de um caminho íntimo com as histórias contadas, porque há aí a experiência do reconhecimento e autoconhecimento através da literatura.

Todo esse repertório possibilitou a vivência de uma Didática Poética, que fez toda a diferença do trabalho pedagógico.

## REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Contos exemplares*. Portugal: **Figueirinhas**, 1983.
- BARROS, Manoel. *Poesia Completa*. São Paulo: **Leya**, 2010.
- BORGES, Jorge Luís. *O elogio da sombra – Poemas*; Tradução Carlos Nejar e Alfredo Jaques. *Perfis – Ensaio Autobiográficos*; Tradução Maria da Glória Bordini – Rio de Janeiro: **Editora Globo**, 1970.
- BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê. –* Porto Alegre: **Arquipélago Editorial**, 2006.
- CONCEIÇÃO, Edmar. *Conversas com o meu filho autista*. Guaratinguetá, SP: **Penalux**, 2021.

EVARISTO, Conceição. Olhos D'Água. Rio de Janeiro: Pallas: **Fundação Biblioteca Nacional**, 2016.

\_\_\_\_\_. Becos da Memória. Florianópolis: **Ed. Mulheres**, 2013.

\_\_\_\_\_. Insubmissas lágrimas de mulheres. Rio de Janeiro: **Malê**, 2016.

\_\_\_\_\_. Como nasceram as estrelas. Rio de Janeiro: **Rocco Jovens Leitores**, 2011. il.

COUTO, Mia. O fio das missangas : contos / Mia Couto. — 1a ed. — São Paulo : **Companhia das Letras**, 2009.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como o elemento da cultura. São Paulo: **Perspectiva**, 2008.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. Ilustração Vinícius Rossignol Felipe. – 10 ed. – São Paulo: **Ática**, 2014.

LINS, Claudia Maisa Antunes. Diálogos do Riso: Um campo aberto para repensar a arte e a educação. **Universidade de Coimbra**, Coimbra – Portugal, 2020.

LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: **Editora Rocco**, 1999.

\_\_\_\_\_. Felicidade Clandestina: Contos. – Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 1987.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. Cheiro de Goiaba. Conversas com Plínio Apuleyo Mendoza. Tradução de Eliane Zagury. **Editora Record**. Rio de Janeiro – RJ, 1982.

MATURANA, Humberto R. & VERDEN-ZÖLLER, Gerda. Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano – do patriarcado à democracia. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo, **Palas Atenas**, 2004.

OZ, Amos. Cenas da vida na aldeia. Tradução: Lúcia Liba Mucznik. Alfragide – Portugal: Dom Quixote, 2013.

PESSOA, Fernando. Prosa publicada em vida; edição Richard Zenith. Lisboa: **Assírio & Alvim**, 2006.

\_\_\_\_\_. Escritos íntimos, cartas e páginas autobiográficas. Introduções, organização e notas de António Quadros. **Publicações Europa América**: Sintra, 1986.

RAMALHO, Maria Irene. Poetas do Atlântico. Fernando Pessoa e o modernismo anglo-americano. **Porto: Edições Afrontamento**, 2008.

RIBEIRO, António Sousa. A tradução como metáfora da Contemporaneidade. <[http://www.eurozine.com/articles/article\\_2005-07-18-ribeiro-pt.html](http://www.eurozine.com/articles/article_2005-07-18-ribeiro-pt.html)> Acessado em 10 de outubro de 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da Razão Indolente – Contra o desperdício da experiência. Porto – Portugal: **Editora Afrontamento**, 2002.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

\_\_\_\_\_. A Gramática do tempo: para uma nova cultura política. Porto – Portugal: **Editora Afrontamento**, 2ª edição, julho de 2010.

\_\_\_\_\_. O direito dos oprimidos. Coimbra – Portugal: **Edições Almedina**, 2014.

SARAMAGO, José. Deste mundo e do Outro. Crônicas. Portugal: **Editorial Caminho**, 2010.

WILDE, Oscar. A decadência da mentira e outros ensaios; Tradução e apresentação: João do Rio. Rio de Janeiro: 2ª. Edição, **Imago Ed.**, 1994.

ZAMBRANO, Maria. A metáfora do coração e outros escritos; Tradução: José Bento. **Lisboa: Assírio & Alvim**, 2000.

## CICATRIZES NOS SUJEITOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E AS ORIENTAÇÕES POR MEIO DE UMA DIDÁTICA POÉTICA

Cícera Daiane Viana Ditoso - UNEB  
Claudia Maisa Antunes Lins - UNEB

### RESUMO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa com a história de vida de uma pessoa que pratica/praticou automutilação. Tem como intuito aprofundar um tema ainda pouco abordado no campo da Pedagogia, mas que frequentemente surgem casos que habitam nossas salas de aula. É algo próximo de nós, porém um tema invisibilizado. A pesquisa foi realizada a partir de uma experiência/história de vida no contexto da família. Trata-se de um estudo de caso, que envolve um convívio mais próximo com a pessoa, com essa proximidade foi possível fazer um trabalho intimista. Realizamos oficinas literárias, que possibilitaram trazer a vida para perto dos nossos olhos; incluímos também entrevista (com a pessoa), o que possibilitou repetir palavras necessárias diante daquele precipício que nos confrontava; lançamos mão também de escritas de cartas (feitas pela pessoa), esta etapa ajudou a contemplar as cicatrizes, sem julgamentos, mas com a coragem para enfrentá-las e cuidá-las com lucidez. A base que orientou a aproximação desta realidade foi a Poesia e a Literatura; foi uma forma de criarmos uma maior intimidade, sem corromper a interioridade, como nos fala Zambrano, em *A metáfora do coração e outros escritos* (2000: 23), a partir dessa experiência muitas questões brotaram e fomos provocadas sobre o papel da Pedagogia diante da automutilação. As reflexões teóricas foram articuladas entre a Literatura, a Pedagogia e a Sociologia, compondo uma ecologia de saberes (SANTOS, 2010), proposta epistemológica apresentada pela pesquisa *Diálogos do Riso – Um campo aberto para repensar a arte e educação* (LINS, 2020), cenário pedagógico, que favorece uma Didática Poética.

**Palavras-chave:** Automutilação, Literatura, Pedagogia.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda um tema presente e ao mesmo tempo invisibilizado no campo da Pedagogia. Começa com muitas interrogações: Por que conversar sobre a automutilação? Quem são essas pessoas? Quais sentimentos trazem? Que fatos podem levar alguém a se automutilar? Dar um diagnóstico e vários remédios faria alguém esquecer suas dores? Por que é um assunto velado e muitas vezes desconhecido por nós? Quais os olhares das instituições educativas, no contexto de uma sociedade moderna ocidental, em torno dos sujeitos que praticam automutilação? Qual o desafio da Pedagogia e da Didática?

A pesquisa foi atrás de uma história de vida, que reflete muitas histórias de vida, não tem a intenção de comparar com outros casos diferentes, mas a partir desta sublinhar as singularidades e as pluralidades em torno do tema; não pretende globalizar sentimentos e sofrimentos; e não está em busca de culpados ou respostas prontas; quer muito menos ainda enquadrar o caso observado em um grupo e/ou uma doença.

As vozes desses sujeitos estão nos espaços educativos, dentro das salas de aula e o fato de praticar automutilação não retira desses sujeitos o direito de ser gente e autor da sua própria história. Tendo a liberdade de fazer escolhas e ter voz como qualquer outro considerado “normal”, a pesquisa pretende diminuir a distância entre quem pesquisa e o pesquisado, uma vez que quem, ao pesquisar também é pesquisado; e qualquer outra pessoa que tenha acesso a esse trabalho será também pesquisado por ele.

As perguntas apresentadas aqui neste texto introdutório não terão respostas definitivas. O que oferecemos nesse trabalho é a sensibilização em torno do tema por dentro da Pedagogia e da Didática, e o exercício de contemplação a partir de um caso, este que povoa, como tantos outros, silenciosamente, as nossas salas de aula.

O trabalho foi orientado pelos objetivos, geral: Conversar e conhecer sobre sentimentos, pensamentos, fatos e possíveis olhares com alguém que pratica a automutilação, observando os diversos aspectos da automutilação; e específicos: Conversar com alguém que se automutila; Construir oficinas literárias com contos, músicas e vídeos; Conhecer algumas causas que podem levar alguém a se automutilar; Levantar fatos, sentimentos e pensamentos de alguém que se automutila; Refletir o tema automutilação através do “pensamento” literário; Refletir o papel da Pedagogia nesse contexto.

Com estes objetivos investigamos uma história, que tantos outros podem relatar, mas que ao mesmo tempo é única e incomparável com outros casos existentes. Para tanto, realizamos a construção de uma memória que foi desenhada conjuntamente, a partir de uma conversa gravada e transcrita; com o exercício de ativação da memória avançamos para oficina literária (com contos, música e vídeo); depois dialogamos sobre os sentimentos provocados pela realização de cada oficina; a pessoa (que fez parte do estudo de caso), escreveu cartas com aquilo que mais a tocou e recontou sua história a partir das histórias contadas nos textos literários. Todo esse trabalho resultou em um livro intitulado *Cicatrizes* (2018). Há um exemplar do referido livro no acervo da Biblioteca do Campus III – UNEB, Juazeiro – Bahia (Registro da Biblioteca CDD: 372.4).

O trabalho possibilitou algumas reflexões pedagógicas, tendo como orientação uma didática que articulou saberes da Pedagogia, da Literatura, e da Sociologia, uma abordagem epistemológica apresentada na pesquisa “Diálogos do Riso – Um campo aberto para repensar a arte e educação” (LINS, 2020).

## **METODOLOGIA**

A Literatura, como forma de aproximação da realidade, proporcionou uma forma de conversar sobre os diversos sentimentos. Santos diz: “Não basta uma perspectiva, não basta uma forma de saber por mais conveniente ou esclarecedora que seja” (SANTOS, 2010, p.152), o que nos faz enxergar as diversidades de conhecimentos existentes. A ciência dá conta de responder muitas coisas, mas era preciso um conhecimento que pudesse conversar com o sentimento, um desses saberes advém da experiência com a Poesia e a Literatura, que compõe uma “ecologia de saberes” (SANTOS, 2010), que como uma forma de saber, constitui-se numa forma do conhecimento pela proximidade (LINS, 2020).

Foi com o reconhecimento dessa “ecologia de saberes”, que percebemos que a própria memória já faz parte de um trabalho científico, já que é um autoconhecimento. A escolha da literatura para conversar sobre a automutilação ofereceu a oportunidade de exercer um lugar diferenciado na pesquisa, que foi ser o sujeito da pesquisa e não o objeto, tanto quem pesquisou, como a pessoa envolvida no estudo de caso, tornamo-nos sujeitos nessa experiência; ao mesmo tempo que fazia o estudo de caso, pesquisava a nós, ao outro num exercício de reconhecimento e identificação. Aproximando o conhecimento do sentimento, fazendo isso foi possível alcançar a auto-reflexividade proposta por Santos (2010, p. 141).

O trabalho estruturou-se, pedagogicamente, da seguinte forma: Conversa estimulada pela memória da pessoa que pratica/praticou automutilação, gravação e transcrição da conversa com a pessoa; seleção de contos para a oficina literária; partilha e conversa sobre os contos “Chamada”, “Janelas”, “Dor Futura”, “Dias Raros”, de João Carrascoza; “Deus”, de Clarice Lispector; “O homem cadente”, “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto. Vídeo “A parte que falta”, uma versão do canal “JoutJout Prazer”, e música “Clarisse”, de Renato Russo. Ao vivenciar essas leituras e as camadas de reflexões provocadas, Maya (nome fictício, escolhido para a pessoa do caso estudo) foi convidada a escrever cartas a quem ela quisesse destinar. Na convivência com essas referências literárias, Maya recontou sua história. Essa história recontada resultou na construção do livro *Cicatrizes* (2018).

A etapa inicial de ativação da memória foi possível reconhecer a intensidade do tema. Com essa etapa ficou mais fácil a abertura para a pesquisa, conversar e até mesmo ouvir melhor acerca da automutilação. A partir deste ponto Maya passou a trazer oralmente e por escrito *flashes* da memória, das relações com as pessoas de sua família, bem como sua convivência com seus colegas de sala de aula e professores. Com a escrita da memória de Maya foi possível o exercício de libertação de alguns preconceitos. A curiosidade falou muito mais alto do que o medo de tocar no assunto ou os conceitos formados anteriormente. A partir

daí foi construída a proposta das oficinas de literatura, com os referenciais literários acima citados.

A primeira oficina trabalhamos com os contos “Chamada” e “Dor Futura”, de Carrascoza. “Chamada” traz a história de Renata, uma menina que perdeu a mãe muito cedo. No dia em que sua mãe faleceu, ela sentia a despedida em cada momento de seu dia, um mistério a rodeava. “Dor Futura”, do mesmo autor, apresenta a vida de um homem que foi diagnosticado com uma doença que o levaria a morte em um tempo curto. Toda a reflexão sobre a brevidade da vida acontece dentro de um carro, num passeio em família. No passeio ele pensa na importância daquele momento com a sua família. Maya se via dentro das histórias, e entendia os sentimentos dos personagens, das perdas que cada qual estava tendo, seja de maneira direta ou indireta, reconhecendo-se nas dores do outro, que também eram dela.

Na sequência das oficinas, acontece a reflexão em torno do vídeo: “A parte que falta”, que é apresentado no canal de “JoutJout Prazer”, em que a contadora lê um livro infantil que conta a história de uma “pedra” que faltava uma parte. A pedra sai em busca da sua metade, encontra vários pedaços pelo caminho, até que se dá conta que nunca será completa. Durante nossa conversa, a respeito do vídeo, compreendemos que sempre nos faltará algo; sempre estaremos buscando nossos pedacinhos. E isso não será ruim, pois é através desse movimento que nossa vida acontece.

Depois avançamos com a leituras de outros contos: “Janelas” e “Dias Raros”, também de Carrascoza. Esses contos foram escolhidos por trazerem belas reflexões em torno das relações familiares, e assim teríamos mais possibilidades de voltar ao tema família. O conto “Janelas” trata da história de dois irmãos separados pelo tempo, cada um toma caminhos diferentes, pertencem a universos distintos, escolhem e são escolhidos por diferentes profissões. O afeto renovado pelo reencontro sustenta o amor que ainda há entre os dois, e os laços são retomados num jogo de “interrupções” (RAMALHO, *apud* LINS, 2020). Já o conto “Dias Raros” apresenta outra forma de parentesco: avó e neto, duas gerações diferentes que se encontram vivenciando a beleza na troca de aprendizagens. O neto não percebia as belezas do mundo da avó, até passar uns dias junto com ela. Quando viu aproximando o momento de partir daquela nova experiência, o neto percebeu que aqueles momentos eram raros e que fariam parte da sua vida.

Esses dois contos possibilitaram uma conversa povoada por lembranças das relações conturbadas entre Maya e seu irmão mais velho; do afastamento entre os dois e o momento alegre e inesperado da reaproximação. Conversamos sobre as raras felicidades que temos, e contemplamos como na modernidade ocidental somos educados para o futuro e esquecemos

de viver o presente; que muitas vezes não percebemos o que está diante de nossos olhos, desvalorizando as pequenas alegrias do nosso cotidiano. Uma reflexão que veio do livro *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia* (2004), de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller, que traz exatamente isso: o brincar como a capacidade de viver o presente. A nossa relação cronológica com o tempo, possivelmente, leva-nos ao estresse e a ansiedade, de viver um tempo focado no futuro, vimos que isso é bem mais comum do que imaginamos, e reconhecemos que viver o tempo de *chrónos* de certa maneira nos adoece.

Depois de uma avaliação do percurso, quando Maya garantiu que o trabalho estava lhe fazendo bem; que nossos encontros eram bons momentos, que os contos apresentavam sua vida de uma maneira diferente, resolvemos que iríamos continuar com as oficinas, avançamos para o encontro seguinte, que foi a leitura e reflexão do conto “O Homem Cadente”, de Mia Couto: perguntamo-nos: o que aconteceu no final da história? Afinal, era um sonho ou uma realidade? Era a história de um homem ou de uma estrela? Quem somos nós diante o fenômeno do homem cadente? Especulamos? Julgamos? Encontramos com esse homem em nosso tempo de existência?

Do mesmo autor, nesta etapa, lemos e contemplamos “O menino que escrevia versos”. Este conto apresenta a história de um pai e uma mãe que desconhece um filho, por ele não “seguir” os passos de seu pai. Como o pai era mecânico, achava inaceitável ter um filho que se interessasse pelas palavras em forma de versos, guiadas pelos sonhos. Quando seus pais descobriram esse gosto “inusitado” do filho, resolveram logo que era um caso que só um médico poderia resolver. Mas o menino era um poeta. Esse conto nos trouxe uma importante reflexão entorno da relação entre a literatura e a vida, quando o menino, ao ser perguntado pelo médico se continuava a escrever versos, responde: — *Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver*. E mostra um pedaço de vida apontando no caderninho de versos (2008, p. 146).

Seguindo os passos no percurso metodológico chegamos a leitura do conto “Deus”, de Clarice Lispector, este expressa um desabafo com o Criador: uma relação de intimidade, tão íntimo que diante Dele se reconhece como apenas uma humana que precisa que Deus vá a seu socorro; seria alguém que se autopuni, e que pode ferir o outro? Esse foi o melhor conto para Maya. Ela o reconheceu como sendo a história de sua vida e expressou: “as palavras dela é tudo o que eu quis dizer a minha vida toda, mas não sabia como”; “é a história da minha vida contada por outra pessoa”.

Dentro desses passos chegamos a música “Clarisse”, de Renato Russo, que traz o tema da automutilação, diretamente. Pois Clarisse, assim como Maya, provocava cortes intencionais no seu corpo. Mostrando que a automutilação é algo de muito tempo. Claro que Maya se reconheceu na letra dessa música. Maya pesquisou a história da música de Renato Russo e descobriu que ele só contou sua própria vida na música; uma história de cada um de nós, das nossas culpas.

Na sequência das etapas chegou a vez do conto: “Solidão e a Falsa Solidão”, também de Clarice Lispector. O conto traz de uma maneira muito poética duas formas de solidão. Uma é a solidão que traz contemplação e ligação com o mundo, quem a tem, não a vê como um mal, não se isola, ao contrário, se reconhece, na sua individualidade, como parte de uma coletividade. A outra solidão, a falsa, traz o isolamento, o afastamento de outras pessoas. Percebemos que cada um de nós pode se encontrar nas duas solidões, mas somente a convivência com o outro nos levará ao convívio na sociedade. Pensamos assim que Camus tinha razão quando falou: “as solidões reúnem o que a sociedade separa” (CAMUS, 2007, p.18). Deste conto nasceu a pergunta: Quantas solidões existem numa sala de aula?

## REFERENCIAL TEÓRICO

A automutilação ganhou negrito no contexto familiar, quando Maya revelou suas marcas. Perguntávamos o porquê dela fazer aquilo. Onde tínhamos falhado com ela? Mal sabíamos que o que ela estava para demonstrar, com o tempo, era muito mais do que suas lembranças dolorosas, ela confessou as cicatrizes da sua alma. E muito mais que isso, ela desnudava as feridas de quem lia suas cicatrizes, por mais que tentássemos esconder. Confidenciamos nossos segredos, nossas dores, nossas cicatrizes.

Descobrimos que a automutilação é uma autopunição por algo cometido, por uma imperfeição, por um “pecado” tão terrível, que é preciso ferir o corpo, para esconder as feridas da alma. Para quem pratica, a automutilação é um pedido de perdão, é uma forma de cura, ou até mesmo uma forma de voltar a vida, assim como também se torna um alívio e muitas vezes vira um vício, mas também a automutilação é preocupante, é um ato curioso, é um pedido, um grito de socorro. É um caminho de investigação para se desbravar, uma vez que essa experiência faz parte da humanidade. A automutilação é um tema que sofre muitos preconceitos, seja pelo desconhecimento, ou por conta de não saber os motivos que levam alguém a automutilar-se; ou ainda pela falta de controle do crescente índice da automutilação.

Para olhar a automutilação numa perspectiva íntima buscamos exercitar o olhar do estrangeiro. O olhar do estrangeiro por não ser costumeiro, não banaliza, nem descarta as

possibilidades de saberes existentes. Olhar para automutilação exigiu uma calma para observar os detalhes, aguçando o interesse para perceber quais caminhos leva alguém a automutilar-se, como aquele ato se apresentou diante de nós a princípio e no decorrer da pesquisa, observando todas as metamorfoses sofridas. O olhar do estrangeiro “é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber” (PEIXOTO. In: NOVAES, 1988, p. 363), um olhar que não é e nem está viciado e por isso é profundo e amoroso.

O trabalho buscou um olhar que vai além do sentido da visão e além do olhar da razão. Buscou-se um olhar com intimidade e proximidade, que foi proporcionado pela Literatura e pela Poesia, portanto, um olhar que passa pelo coração. O conhecimento alcançado pelo compartilhamento íntimo das cicatrizes de Maya não deixou de ser interioridade; foi permitido a investigação sem desmistificar os mistérios nele existente, com isso acessamos outra racionalidade, já que a interioridade que se ofereceu continuou a ser interioridade, essa é definição de intimidade de Zambrano (2000, p. 23).

A composição epistemológica do projeto exigiu um repertório ampliado de leituras literárias: contos, crônicas, músicas e vídeos. Assim como também a leituras de livros como: *A desumanização*, (2013) de Valter Hugo Mãe; *Os devaneios de um caminhante solitário* (2008), de Rousseau; *Alice do outro lado do espelho* (1971), de Lewis Carroll; *Raza-Razão* (2010), de Marcos Cesário; *Carta a D. História de um amor* (2008), de André Gorz, dentre outros, além de artigos e reportagens.

*A desumanização* trata de uma forma poética, a história de Halla, uma criança que perde sua irmã gêmea. Passando a viver uma ilusão de que a alma de sua irmã Sigridur pudesse ocupar seu corpo. Em sua companhia estava a sua amargurada mãe, que sempre procurava lhe culpar pelo acontecido; seu amoroso pai que lhe apresentou à poesia e aos livros; e um rapaz solteiro de sua cidade, com quem viveu um romance. Essa obra trouxe uma importante reflexão para a construção do trabalho, pois narra uma experiência de automutilação, praticada pela mãe (de Halla), reforçando que esse ato sempre vai estar relacionado a alguma falta; outro fato que chama atenção que é o amor de Halla pelos livros e poesias, algo muito familiar para nós, já que foi um dos recursos para cicatrização de nossas feridas; Halla também apresenta sentimentos muito vivenciados por nós, como: solidão, dor e desprezo (por parte de alguém próximo), com isso parece que essa história é a nossa própria vida na ótica de outra pessoa.

Com o livro *Alice do outro lado do espelho*, pudemos trabalhar a repetição de nossa história, minha dor, a dor do outro; solidão; sofrimentos; as conversas e mistura entre esses sentimentos e muitos outros, como se fosse um reflexo de um espelho. Assim como tem o

espelho dos olhos, de diversas pessoas sob e sobre nós, que nos deforma, diferencia, enxerga coisas que nos leva ao “país das maravilhas” ou nos lança a um lugar escuro e que parece não ter fim. A obra também apresenta um país das maravilhas modificado; uma Alice com muitas perguntas em torno das tantas diferenças e respectivas consequências, com um desejo infinito de conversar com o Tempo “Vingativo”, para recuperar o que se passou. O que nos fez pensar sobre as diversas máscaras impostas sobre nós; quando não nos reconhecemos diante da pergunta mais simples: “afinal de contas, quem é você?”; e uma incansável luta de viajar ao passado através do tempo.

*Os devaneios de um caminhante solitário* traz uma reflexão fundamental ao nosso trabalho, que é a solidão que segundo Rousseau (2008) era o momento que mais lhe trazia felicidade e “[...] Essas horas de solidão e de meditação são as únicas do dia em que sou eu mesmo por inteiro e pertencem a mim sem distração, sem obstáculo, e em que posso dizer de verdade que sou o que a natureza quis.” (ROUSSEAU, 2008, p.16). Esse autor mostra a solidão como um momento bonito para se refletir e ser quem somos, e assim podemos ir ao encontro do outro, ou seja, ele nos apresenta uma solidão como uma experiência de conexão conosco e por isso mesmo com outro, sendo quem somos, ele traz uma solidão que não é um problema, e que não significa isolamento.

O livro *Raza-Razão* foi fundamental para confirmar um olhar mais íntimo para automutilação, já que esse livro mostra diversas histórias das dores e cicatrizes de pessoas consideradas “anormais” na sociedade. Percebemos que nem tudo é medicável, nem tudo precisa de uma solução na perspectiva do pensamento ocidental; temos diferentes níveis de consciência, que não deveriam ser hierarquizadas. Cada um apresentam uma “loucura” diferente.

Com esses referenciais e com a experiência de Maya a nós confiada, ampliamos a nossa reflexão em torno da automutilação, esta que pode ocupar as carteiras de uma sala de aula. Refletimos sobre o que estamos fazendo enquanto pedagogas. Talvez esquecendo que esses sujeitos (que praticam automutilação) depositam uma confiança sobre nós, a ponto de trazer suas marcas para sala de aula, mas ainda não estamos preparados para olhá-los nos olhos. O fato é que as didáticas encontradas em tantas salas de aula são muito eficientes para transmitir os conhecimentos científicos, planejar aulas e horários, cumprir tarefas e tabelas, porém é questionável com relação ao conhecimento sensível. A pedagogia está dando conta do cognitivo, como esperado pela “racionalidade cognitiva instrumental da ciência” (SANTOS, 2002, p. 71.74), mas torna-se necessário investir em um trabalho pedagógico e em uma didática expressiva, sensível.

A decorative graphic element in the bottom left corner, consisting of a dark blue triangle pointing downwards and a yellow triangle pointing upwards, partially overlapping.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro *Cicatrizes* foi alimentado de todas as experiências com Maya, que ao contrário de muitos jovens que se calam e se escondem por medo ou vergonha, ela nos compartilhou sua intimidade, suas feridas e suas cicatrizes. Antes de cada parte do livro fizemos uma pequena apresentação do que estaria escrito. Sendo assim, iniciamos o livro com uma conversa gravada e transcrita com a experiência de vida de Maya, fomos cuidadosas com cada detalhe que ela nos deu, procuramos fazer uma conversa livre, para que ela não se limitasse a responder questionários, o que nos levou a uma história de automutilação que começou no seio familiar, mas que refletiu na sala de aula, nos alertando para uma realidade escolar onde a didática que domina é aquela voltada apenas para aprendizagens de conteúdos e conceitos básicos, esquecendo assim que aqueles sujeitos lá pertencentes, já tem boa parte de sua identidade construída anteriormente no seio familiar e social.

A prática pedagógica que percorria a sala de aula ao qual Maya pertencia não percebia as diversidades de realidades e linguagens ali existentes. Nenhum(a) professor(a), nem a direção, nem a coordenação pedagógica, nunca viram as cicatrizes de Maya. A história de Maya com sala de aula e de todos que faziam parte é igual a de muitos: silenciados, atarefados, ansiosos, vistos e esquecidos com a mesma facilidade e naturalidade, alheios ao que acontece com cada um.

No segundo momento, trazemos no livro, uma breve apresentação de como aconteceu a escrita das cartas de Maya. Com um texto intitulado “Propagando as cartas de Maya” queremos destacar a importância desse momento do resultado da pesquisa, pois não foram cartas sem sentido, mesmo que algumas não tivessem destinatário. As cartas foram construídas depois de cada oficina literária planejada. Tivemos no primeiro momento cartas criadas sob/sobre os contos. Em cada conto, Maya marcava as partes que mais lhe chamava atenção e depois conversávamos a respeito. Depois do nosso momento de leitura, reflexão e conversas sobre os contos, vídeo e música, Maya escrevia uma carta com ou sem destinatário.

A etapa da escrita das cartas se caracteriza como uma Didática Poética, já que estas configuraram-se como uma forma de expressão e alcance de diversos destinatários, necessários para Maya comunicar suas cicatrizes. As oito cartas que Maya escreveu, foi uma forma de espelhar e espalhar a nossa ideia e a nossa didática para lidar com o tema. Escolhemos as cartas para expressar todos os sentimentos ocorridos com as reflexões feitas após as oficinas literárias, uma vez que a escrita era já uma prática de Maya, de forma que ela encontrou uma maneira de contar ao mundo as suas dores.

A ampliação do repertório literário de Maya costurada à prática da escrita que ela trazia, favoreceu a um tipo de escrita que abre mão de uma rigidez que outros tipos de textos trazem, ficando mais forte na sua escrita uma dimensão poética que foi estimulada pela Literatura e pela Poesia, libertando e alimentando sua imaginação, e sua capacidade de confissão. Cada carta abria um campo de reflexão em torno de diferentes temas e essas identificações de temas estavam bem nítidas nas escritas de Maya. Com a didática escolhida para essa parte do livro foi possível adquirir uma ecologia de saberes, não limitando-se apenas a um tipo de discurso seja científico, ou conteudista, mas sobretudo articulando à dimensão sensível que esses conteúdos podem oferecer. Conseguimos um conhecimento íntimo, pessoal e articulado à realidade.

A última parte do livro, com um pequeno texto intitulado “Uma história recontada” trazemos um relato da história de Maya, que foi baseada em uma carta escrita por ela chamada: “um pedido de socorro”, e em nossas construções que fizemos ao longo do trabalho. Recontamos sua história através do nosso olhar, que já não se prendia a conceitos ou concepções preestabelecidas. A Literatura nos deu essa possibilidade de sair do raso, de buscar o profundo sem se afogar na indiferença, e assim navegar no reconhecimento que as dores e cicatrizes do outro não o enquadram em quantitativos. A história de cada um é realmente única, mas em nossos encontros e desencontros vamos refazendo e transformando o que nos feriu em marcas cicatrizadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização desse trabalho foi uma experiência de autoconhecimento; um conhecimento alcançado através da ativação da memória e das confissões de uma jovem, que foi nos revelando os sentimentos perante sua experiência com a automutilação; o que nos ofereceu uma estrutura de conhecimento a partir de um sistema aberto, que está em processo constante de criação e renovação, uma vez que deste conhecimento chegamos ao interconhecimento, ao reconhecimento, e ao autoconhecimento. Que não busca responder questionamentos sobre quem somos, ou queremos, ao nos relacionar com outro, buscamos apenas proximidade.

O interconhecimento, o reconhecimento, e o autoconhecimento são pontos de chegada e também de partida; são explorados por Santos (2010) como consciência epistemológica da nossa relação com o mundo, seja no âmbito coletivo e também pessoal. Santos (2010) traz essa abordagem para apresentar e defender uma ecologia de saberes que poderá ser vivenciada na fronteira entre os diferentes tipos de saberes. E é por esta razão a referência a esta

passagem, porque *Cicatrizes* (o livro) e “Cicatrizes: uma conversa com uma pessoa que pratica/ou automutilação” (o memorial) nos levou a reconhecer outras formas de praticar uma pesquisa e de conhecer algo ou alguém e ainda alguns processos que se correlacionam.

Para alcançarmos esse resultado foi necessária uma intimidade, uma abertura do nosso sentimento, que Maria Zambrano chama de “abertura do coração” (ZAMBRANO, 2000, p.23), algo que segundo ela acontece somente em certas ocasiões. A autora traz em sua obra “A metáfora do coração”, uma forma de conhecimento que vai além da razão, pois quando conseguimos abrir o nosso coração para investigar, temos essa relação de intimidade com a gente e com quem nos oferece a sua história. Com isso, adentramos as experiências do outro sem expô-lo, sem desmistificar os mistérios, e sim com intuito de transparecer o que somos, sem julgamento, e sim mostrar o quanto estamos próximos uns dos outros, mesmo com realidades tão distintas, e foi isso que aconteceu nesse trabalho, contamos a história de Maya e consequentemente a nossa, sem eliminar a de ninguém, oferecemos quem somos sem deixarmos de ser.

O trabalho realizado foi um alerta para todos nós que fomos, somos ou seremos educadoras, para ficarmos sempre atentos aos educandos, buscando sempre uma empatia com eles e elas. Pois um dos cenários da automutilação de Maya foi a escola, diante do olhar desatento de seus professores, ou talvez um desvio de olhar, por não saber lidar com tal situação, não estamos querendo menosprezar o papel atual do professor tendo que cumprir horários e planos de aula, mostrando assim o quão atarefados estão. Queremos dizer que enquanto educadores, nossas práticas em sala de aula devem estar voltadas para comunicação e proximidade entre todos que fazem parte desse ambiente; queremos mostrar aqui outra Didática, que não quer eliminar as que existem, e sim aprimora-las, isso exige algo a mais que os conteúdos, técnica e conhecimento científico, exige afeto, pois esse sentimento é que nos permite colocar-nos no lugar do outro e ver sua história sem julgamentos. Enquanto educadores precisamos estar mais atentos diante das pessoas que encontramos, a seus comportamentos; as suas histórias; pensamentos e sentimentos. Mas é indispensável observar o que se passa conosco; quais reflexos estamos deixando e causando no outro.

O caminho do nosso trabalho, sobre/sob a automutilação foi construído com desencontros e novos encontros; pedaços deixados para trás e encontro de novas partes; com intimidade; reflexão e autorreflexão; proximidade. Foi um caminho distinto de qualquer outro, em um cenário social que conhecemos, a escola, envolveu a pedagogia, pois esta não está relacionada somente ao desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, mas de tudo que faz parte da construção de sua identidade (que não queremos resumir só à documentação,

características físicas ou gêneros, mas queremos elevá-la a intimidade dos sentimentos que nos diferenciam, igualam; nos afastam e aproximam enquanto sujeitos e autores da nossa própria história). Essa trajetória foi possível por conta da Didática Poética, ao qual nos referimos e sugerimos, foram passos dados na realidade através Literatura e da Poesia.

## REFERÊNCIAS

- CAMUS, Albert. O avesso e o direito. Tradução: Souza Victorino. Lisboa: **Livros do Brasil**, 2007.
- CARRASCOZA, João Anzanello. Dias raros: contos. São Paulo: **Editora Plante do Brasil**, 2004.
- CARROLL, Lewis. Alice do outro lado do espelho. Lisboa: **Editorial Estampa**, 1971.
- CÉSARIO, Marcos Gonçalves. Raza-Razão. /Marcos Gonçalves.et.al. Juazeiro: **Fonte Viva**, 2010. 72p.
- COUTO, Mia. O Fio das Missangas. Portugal: **Editora Caminho**, 2008.
- GORZ, André. Carta a D. – História de um amor. Tradução: Celso Azzan Jr. São Paulo: **Annablume: Cosac Naify**, 2008.
- LINS, Claudia Maisa Antunes (2020). Diálogos do Riso: Um campo aberto para repensar a arte e a educação. **Universidade de Coimbra**, Coimbra – Portugal.
- LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: **Rocco**, 1999.
- MÃE, Valter Hugo. A desumanização. Portugal: **Porto Editora**, 2013.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adalto (org.). O Olhar. São Paulo: **Companhia das Letras**, 1988.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Os devaneios do caminhante solitário. Tradução: Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre, RS: **L&PM**, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. Porto – Portugal: **Editora Afrontamento**, 2º edição, julho de 2010
- ZAMBRANO, María. A metáfora do coração: e outros escritos. Lisboa: **ASSÍRIO & ALVIM**, 2000.
- Link da música “Clarisse” <https://www.youtube.com/watch?v=7RyfQ9Dqed4> Acessado em: 10/09/2019.
- Link vídeo “a falta que a falta faz” <https://www.youtube.com/watch?v=GFuNTV-hi9M&t=248s> Acessado em: 27/07/2019.
- 
- A decorative triangle in the bottom left corner, composed of dark blue, orange, and yellow sections.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

## A CONSTRUÇÃO DE PERFIS DE ESTUDANTES DA EJA NO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO – BAHIA ORIENTADA POR UMA DIDÁTICA POÉTICA

Maianne Santos Ribeiro - UNEB  
Gessilane Araújo dos Santos - UNEB  
Claudia Maisa Antunes Lins - UNEB

### RESUMO

O artigo apresenta resultados da pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) realizada com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio da Polícia Militar Alfredo Viana, Juazeiro-Bahia, com objetivo de refletir, através das histórias de vida dos estudantes, os diversos fatores implicados nas suas trajetórias em busca da formação, focando no processo de construção de identidades enquanto estudantes trabalhadores, pais ou mães, maridos, esposas, filhos. A pesquisa resultou na elaboração de um livro *Histórias que ninguém conta* (2018), com entrevistas, perfis e um memorial descritivo. Para alcançar essas histórias realizamos oficinas literárias. Contos, crônicas e vídeo documentário foram vivenciados na sala de aula, refletimos a vida e abrimos caminhos de cumplicidades no diálogo na realização das entrevistas. A transcrição assegurou os modos de falares dos estudantes. A turma era composta de trinta estudantes, destes quinze colaboraram com a pesquisa. As entrevistas revelaram a culpabilização de não terem concluído os estudos, dentre os motivos: decepção de terem perdido matérias escolares; trabalho para satisfazerem seus próprios desejos de consumo, como aquisição de bens materiais; não ter registro de nascimento; etc. Revelaram ainda enredos de superação, e a constante luta pelo direito a escolarização. A reflexão teórica constituiu-se através do movimento epistemológico que articulou a Literatura às histórias de vida, ao contributo de Freire, que na década de oitenta traz fortemente a abordagem poética e política da EJA no Brasil, e à construção de uma Didática Poética, que começa em cada sujeito na composição de suas historicidades e coletividades.

**Palavras-chave:** Histórias de Vida, Literatura, Educação de Jovens e Adultos.

### INTRODUÇÃO

Conhecer essas histórias nos fez vivenciar o que o contador viveu, sofreu, quais as dificuldades que o impediram de realizar os seus sonhos e chegar à determinada conquista. Em particular essas histórias estão vinculadas às nossas experiências que ocorreram a partir, primeiramente, do Estágio Curricular Supervisionado III, no qual tivemos que planejar e realizar aulas em uma turma da EJA.

No processo de construção do projeto de Estágio começamos a refletir sobre como seria estar em contato com essas pessoas que fazem parte de um segmento da educação com tantas necessidades e demandas específicas, e se na nossa trajetória, como educadoras,

depararmo-nos com esse cenário da educação quais estratégias didáticas utilizaríamos para nos aproximarmos dessas histórias. Daí surgiu a ideia de trazermos as narrativas de vida dos estudantes, e hoje já entendemos essa experiência do livro *Histórias que ninguém conta* (2018), como uma lição de que essas narrativas se repetem, no que diz respeito à história da EJA no Brasil e principalmente em nossa região, e como podemos nos valer dessas histórias no cotidiano do trabalho pedagógico, para a construção de uma didática orientada pelo afeto, e por caminhos de proximidades.

Orientadas pelo objetivo geral: Conhecer histórias de vida de estudantes da EJA e a partir daí, as diversas interfaces que permeiam diferentes aspectos de suas vidas no tocante a formação escolar. E pelos objetivos específicos: Levantar implicações dos problemas na vida dessas estudantes; Valorizar a trajetória de vida dos estudantes; Estimular a expressão oral das estudantes, como um passo de manifestação da própria voz; Conhecer perfis dos estudantes da EJA do Colégio da Polícia Militar Alfredo Viana; Valer-se dessas histórias como conteúdo e forma para a prática pedagógica. Com esse repertório, avançamos para nosso Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, tendo como orientação a linguagem artística através da Literatura e da Poesia. Os estudantes da EJA constituíram-se em sujeitos envolvidos na pesquisa, suas narrativas de vida foi nosso principal interesse, assim nos aproximamos das realidades deles e delas, e alimentamos nossa prática pedagógica com essas histórias.

O Colégio da Polícia Militar Alfredo Viana, antes nomeado de Colégio Polivalente Américo Tanuri, foi criado em 1974 e em 1997 passou a oferecer Ensino Fundamental e Médio. No ano de 2017 passou a ser gerido pela Polícia Militar da Bahia. Na ocasião da pesquisa o colégio atendia a EJA com seis turmas da modalidade, tendo essas estudantes perfis de diferentes idades e realidades, sendo jovens de 20 (vinte) a 23 (vinte e três) anos, e outros com idade entre 40 (quarenta) e 50 (cinquenta) anos. Trabalhadores do comércio, autônomos, donas de casa e trabalhadoras rurais.

A experiência durante o Estágio I e II, em abril e maio de 2017, foi a oportunidade de observarmos, realizarmos a intervenção pedagógica e conhecermos os estudantes. Pudemos assim conviver com as estudantes e professores e observar as diversas situações que dão características particulares a atuação de professoras e estudantes no ambiente escolar numa turma da EJA. Sabe-se que para uma boa formação dos sujeitos da EJA deve-se não apenas criar condições para a estudante ter acesso à escola, torna-se fundamental uma estrutura que garanta sua permanência até a conclusão, uma vez que esses estudantes vêm de diferentes situações e contextos, de baixa renda, desemprego, pessoas que têm filhos, que moram distante, etc.

## METODOLOGIA

A metodologia foi estruturada em cinco bases: 1- A ampliação do repertório literário e poético, uma vez que esta linguagem seria a orientação para o trabalho; 2- A seleção de contos e crônicas e a realização de oficinas literárias com as estudantes; 3- O estudo de referenciais no campo da história oral e da história da EJA no Brasil; 4- A realização das entrevistas gravadas e suas respectivas transcrições; 5- A organização do livro *Histórias que ninguém conta* (2018) e do memorial. Há um exemplar do referido livro no acervo da Biblioteca do Campus III – UNEB, Juazeiro – Bahia (Registro da Biblioteca CDD: 374).

A primeira etapa possibilitou entrar no campo da linguagem artística com a leitura de diversos referenciais literários, de modo que apontou a Literatura como “outro modo de pensamento” (LINS, 2020); a segunda tratou-se da vivência dessa linguagem com os estudantes; a terceira configurou-se num estudo de referenciais da história oral, histórias de vida, história da EJA no Brasil; a quarta foi a realização das entrevistas, já que era a partir dessas entrevistas que teríamos acesso às histórias de vida das estudantes; a quinta tratou-se da transcrição e organização das gravações, com esse repertório de histórias criamos o livro *Histórias que ninguém conta*, desenhando esses perfis em forma de textos.

Seguindo nossa metodologia, depois das oficinas fizemos o estudo de referenciais no campo da história oral, histórias de vida, memória, contribuição de Paulo Freire para EJA, e estudo em torno da pesquisa qualitativa; elaboramos as questões para a realização das entrevistas gravadas; por fim, organizamos o livro com os perfis acompanhados das entrevistas. Todo o trabalho com as oficinas ofereceu condições para a construção de perfis poéticos e abriu um campo de confiança para a realização das entrevistas. O livro foi aberto com o texto “Uma Ciranda de Histórias”, em que costuramos todas as histórias a nós confiadas e segue com perfis e entrevistas individuais.

No que diz respeito à elaboração das entrevistas utilizamos um questionário com 15 (quinze) perguntas que falavam de suas origens, trabalho, infância, amores, sonhos e metas. Para esse questionário elaboramos e selecionamos perguntas de acordo com a nossa intenção que era revelar traços das personalidades dessas estudantes que formaram suas histórias de vida. Utilizamos o método de entrevista aberta, por entender que através da entrevista aberta os estudantes entrevistados poderiam se movimentar dentro das perguntas, quando necessário, o que possibilitaria também uma atitude de proximidades. As estudantes estariam à vontade para responder ou não as perguntas e acrescentar o que achassem necessário ou lhes ocorresse. Utilizamos para o registro das devolutivas dos estudantes durante as oficinas

literárias, o Diário de Bordo, onde tomávamos notas das intervenções espontâneas que as estudantes davam diante de cada texto lido e experiências compartilhadas.

Como optamos por fazer um trabalho diferenciado que trata de histórias de vida, nossa pesquisa se estrutura fundamentalmente nas histórias de quinze estudantes. Durante o Estágio observamos o potencial dessas estudantes, a garra e o esforço que fazem para se manter estudando, algumas têm que enfrentar a desaprovação dos companheiros, outros têm que percorrer vários quilômetros vindo de outras cidades, outras enfrentando diversos tipos de repressão, até mesmo no âmbito familiar. Aprofundamos no conhecimento dessas histórias com o trabalho de pesquisa no TCC.

Nosso foco principal, além de conhecer, valorizar e sublinhar essas histórias, como potência de oferecer lições de vida, nos impulsionando a ir atrás de sonhos e de motivação; era abrir um campo de extrema importância para pensar a prática pedagógica, com base na memória, na história de vida, trazendo assim para a pedagogia e para a didática dimensões expressivas, que aqui chamamos de Didática Poética, considerando que essas dimensões abrem possibilidades de trabalhar com conteúdos grávidos de mundo, com representações da realidade dos educandos, como fala Freire, em *A importância do ato de ler* (1989).

Em decorrência dessa opção a pesquisa se configura naturalmente pela perspectiva qualitativa, que segundo Neves: não busca enumerar ou medir eventos, não costuma empregar instrumental estatístico para análise dos dados; seus métodos apresentam uma perspectiva diferenciada dos métodos quantitativos; dedica-se a descrição dos dados, mediante contato direto e interativo do pesquisador e o cenário pesquisado (1996: 01). Com a contribuição de Santos (2002; 2010), também nesse trabalho superamos a combinação dicotômica/hierárquica entre sujeito/objeto, substituindo pela reciprocidade entre sujeitos (SANTOS,2002: p.79), uma vez que os retratos dessas estudantes eram também os nossos retratos.

A pesquisa qualitativa tem um caráter exploratório, estimula os entrevistados a pensarem livremente juntamente conosco, abrindo campo de diálogo a partir das diferentes opiniões em torno dos diversos temas, e neste caso, suas próprias vidas constituem-se em composição com outros referenciais como base para o processo de conhecimento. Esses tipos de atitude nas entrevistas não visam à generalização; as opiniões das entrevistadas são gravadas, colhidas, transcritas, registradas, lidas e refletidas.

Não fez parte da nossa preocupação trazer dados estatísticos e quantificáveis da realidade. Pois à medida que optamos por trazer memórias, histórias de vida de estudantes da EJA, e ter como base de orientação a linguagem artística através da Literatura e da Poesia, tornou-se indispensável o enfoque contemplativo, considerando outras vivências que deram

significância a seu modo de viver e de se relacionar com o meio e com outro. Desta maneira, optamos por utilizar histórias contadas oralmente, e estimular essa oralidade pela ativação da memória, assenta-se nesse sentido no enfoque qualitativo.

A história oral serviu para nos dar o conforto epistemológico de realizar a pesquisa a partir de entrevistas gravadas, como meio utilizado para arrebatar testemunhos de pessoas sobre os mais variados acontecimentos ao longo do tempo. Segundo Tereza Maria Frota Haguette “tudo que é oral, gravado e preservado, pode ser considerado como história oral” (1992, p. 224). A produção oriunda da história oral, constitui documentos históricos válidos, uma vez que são capazes de complementar documentos escritos, considerando que pessoas entrevistadas, podem ser testemunhas de fatos estudados, já mencionados em livros (HAGUETTE, 1992).

O exercício da oralidade faz valer o seu direito de falar sobre determinada situação, mediante o seu próprio ponto de vista, contribuindo para a construção do conhecimento. Essas histórias contadas oralmente assegurou uma frutífera fonte de observação das identidades e identificações num recorte da sociedade, retratou aspectos das realidades que envolve a vida das estudantes da EJA em Juazeiro e região. Observamos aspectos e transformações sociais no contexto da Educação de Jovens e Adultos e ainda ganhamos histórias diversificadas, que também refletem as nossas histórias. As histórias dessas pessoas são importantes para olhar para a questão da EJA em nosso município e além de tudo para olharmos com cumplicidades essas histórias, uma vez que fazemos parte dela.

O trabalho se dirigiu a cada indivíduo com suas histórias, que trazem suas vivências individuais, refletem o social, o coletivo ao qual pertencem. O livro *Histórias que Ninguém Conta*, a partir de quinze entrevistas com estudantes da EJA, dá enfoque as histórias dos estudantes no contexto de suas oportunidades, ou não, de estudar, que tem variados motivos, desde a falta de incentivo da família, que é uma realidade frequente na vida das alunas da EJA. Nas entrevistas observamos relatos da falta de um pai presente, sendo a responsabilidade transferida apenas para a mãe, ou de estudantes que por falta de orientação familiar se envolveram com drogas ou criminalidade. A falta de registro de nascimento que impossibilitou um estudante de se matricular, e teve que estudar três anos com a certidão de um primo, alunos que apontam não conhecer o amor de mãe, que demonstram muito sofrimento devido a perda de um familiar.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Compreender e vivenciar a Literatura e a Poesia nos proporcionou olhar e enxergar as histórias de forma mais bonita e compreender a importância dessas narrativas em diferentes dimensões: a política e a poética, uma abordagem defendida em “Diálogos do Riso – Um campo aberto para repensar a arte e a educação” (LINS, 2020). Passamos por várias leituras literárias e projetos artísticos, entre eles o livro *Raza-Razão* (2010) que foi de suma importância na preparação das entrevistas, o livro traz uma abordagem de um trabalho feito em um lugar nada convencional: um manicômio, onde os pesquisadores tiveram que se adequar a situação dos entrevistados, que eram pessoas consideradas “fora da realidade”, e por isso foram excluídas do convívio na sociedade, esse livro mostra como é o dia a dia nessas casas de acolhimento e como as pessoas sofrem por estarem reclusas, principalmente pela falta de contato com os familiares. O livro traz uma abordagem diferente da “loucura”, não se baseia em fatos científicos ou laudos médicos e psiquiátricos, antes abre um campo de contemplação, a partir dos sentimentos das pessoas.

A leitura do livro de Eliane Brum *A Vida que ninguém vê* (2006) enriqueceu o nosso olhar sobre a nossa pesquisa, sendo realizada com pessoas comuns, e por isso nos diz muito sobre a vida, essencialmente, na disposição de revelar o extraordinário que há em cada homem e em cada mulher comum, como nos textos de Eliane Brum, que apresentam histórias de sujeitos que nunca interessaram muito aos jornais, a jornalista escreve de uma forma para dar-lhes visibilidade e transformar em linguagem artística, através de contos, suas próprias indagações e emoções enquanto tradutora dessas realidades contempladas, bem como as indagações, dúvidas e trajetórias de vida das pessoas que ganharam um perfil, assim *Histórias que ninguém conta* (2018) buscou o registro dos perfis dos estudantes de EJA.

Ao mergulharmos nas histórias extraordinárias que Eliane Brum conta, encontramos S. Aldair, de 62 anos, um senhor analfabeto, humilde, carregador de mala, no Aeroporto Salgado Filho. Através do seu emprego pode criar seus três filhos e adquirir sua casa própria. Para um homem aparentemente simples, essa aquisição é uma honra. Apesar de trabalhar tão próximo aos aviões, nunca voou, mas sonha em voar para pagar uma promessa que fez a Nossa Senhora após obter a cura de sua perna. A história de S. Aldair assemelha-se com as histórias das estudantes da EJA, o que nos faz contemplar que mesmo diante de uma vida aparentemente comum, todos têm histórias fascinantes para contar e sonhos para realizar.

Outro livro que foi importante para nos orientar foi o livro *Retratos de Retratos* (2010), de Emiliana Carvalho. Este livro nos ajudou a pensar o tratamento das histórias de vida nas entrevistas; bem como pensar as diferentes atitudes reveladas dos entrevistados; pensar as respostas como um posicionamento e como estas se cruzam na sociedade. E ainda a

observar o movimento de contar histórias, como nos comovem, nos ensinam, e causam reflexões sobre a vida. Numa abordagem intimista a autora traz as personalidades singulares de cada um, suas diferenças e sentimentos, seus modos de viver, e a linguagem própria de cada pessoa entrevistada.

Chama-nos atenção o modo de escrever e contar histórias que a jornalista Emiliana Carvalho desenvolveu em seu livro *Retratos de Retratos* (2010), transformando narrativas de pessoas como dona Vitalina, da entrevista intitulada “Sertão abasta eu”, em que traz a linguagem dessa mulher, de vida simples, do interior de Juazeiro que apresenta um originalidade na forma de falar, que aparece valorizada no âmbito da entrevista, o que mostra a individualidade e a singularidade da entrevistada, que tem uma narrativa própria. Diante dessa experiência com o livro da referida jornalista, decidimos também na transcrição das entrevistas, preservar os modos de falares de nossos e nossas entrevistadas.

Considerando a dimensão da artefactualidade discursiva (SANTOS, 2002) do referencial literário (contos e crônicas), no âmbito das oficinas com os estudantes, foi possível construir um caminho intimista na reflexão teórica, que foi costurada à escuta das histórias dos estudantes, proporcionando uma experiência de discussão metodológica envolvendo diversos tipos de saberes, desde os científicos, literários e das histórias de vida, compondo assim uma “ecologia de saberes”, um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade de saberes (SANTOS, 2010, 145).

Além dos livros, o vídeo documentário “Enquadrados”, de Marcos Cesário, trouxe-nos um conforto de que com a linguagem artística chegaríamos a um ponto propício de abertura para conseguirmos ter a confiança nas entrevistas, abrir um campo de cumplicidades, de trocas, de compartilhamento de dores e alegrias, uma vez que tanto os livros, textos e documentários tocam em pontos que fazem sentido para contemplarmos a vida, através da nossa própria vida. E assumir o desafio de dar um tratamento pedagógico a todo o repertório que nos foi confiado, construindo assim uma Didática Poética.

Esse tratamento pedagógico que desenvolvemos na pesquisa deu-se numa articulação entre as obras citadas. Segundo Freire, a pesquisa faz parte da natureza da prática docente (1996). Dessa forma o professor é antes de tudo um pesquisador, que deve incluir os saberes de mundo dos estudantes na sua prática, a Didática explorada por nós nutre-se desse pensamento de Freire, pois o alicerce da nossa pesquisa foi o pensamento, a linguagem e visão de mundo dos estudantes entrevistados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho proporcionou três tipos de resultados: a abertura do diálogo com estudantes de EJA, a partir das oficinas literárias, a construção do livro *Histórias que ninguém conta* e a abordagem de uma Didática Poética. As oficinas trazem consigo reflexões em torno de diferentes aspectos que envolvem a vida dos estudantes da EJA; o livro, através de perfis poéticos das estudantes e das entrevistas abertas trazem retratos de realidades distintas no cenário da Educação de Jovens e Adultos no município de Juazeiro – Bahia e região. No que se refere a Didática, pudemos vivenciar uma experiência pedagógica alicerçada numa troca de saberes entre nós na posição de educadoras e dos estudantes, todos e todas ocupando um lugar fundamental na educação, o da aprendizagem.

Os contos selecionados promoveram uma conversa intimista, em que, ora ríamos juntos, ora chorávamos, ora compartilhávamos nossas inquietudes perante as injustiças, ora compartilhávamos as alegrias perante as conquistas de cada um e cada uma que faziam parte dessa roda de leitura. Os contos vivenciados com os estudantes foram: “Bocó”, de Manoel de Barros; “Estação de Pampilhosa”, de Maisa Antunes; “Deus”, de Clarice Lispector; e por último, o vídeo documentário “Enquadrados”, de Marcos Cesário.

A leitura do conto de Manoel de Barros, “Bocó”, trata da história de um dia qualquer, o cenário era um lago onde uma senhora ao observar que um jovem estava a catar pedrinhas logo o observou e condenou o ato do rapaz como perda de tempo e o classificou como um bocó, o poema tem a presença de versos curtos que lhe dão um ritmo fluido. Manoel de Barros traduz poeticamente o cenário onde acontece a história, com isso podemos nos imaginar dentro do poema. Como planejado fizemos a leitura compartilhada do conto, conforme as linhas iam se esgotando percebemos alguns risos, e algumas caras de curiosidade. Ao findar o poema, um aluno logo se posicionou contra a posição da senhora da história e disse que bocó é gente lerda, que faz tudo errado, gente atrapalhada; e o rapaz da história não estava fazendo nada disso, outro aluno questionou que ele era sim um bocó, pois estava a perder tempo catando pedras sendo que a vida era tão corrida.

“Bocó” traz uma reflexão a cerca das diferentes personalidades das pessoas, e de como cada um tem sua forma de enxergar as coisas. No conto a senhora acha inútil um homem estar catando pedras no rio, mas para ele o contato com o rio e as pedras é um momento muito prazeroso; na sala onde realizamos a oficina encontramos esse misto de personalidades, alguns com a alma mais sensível, conectadas com os sentimentos trazidos pelas escritoras, poetas, outros mais racionais, oferecendo pouca abertura para a contemplação da vida através da Literatura, cada um com sua forma de encarar a vida.

A crônica “Estação de Pampilhosa”, de Maisa Antunes, trouxe um paralelo entre a protagonista do texto e os protagonistas da vida real, os estudantes. A primeira otimista, à espera do seu amado, que logo chegaria e tornaria completa a sua felicidade, o segundo à espera de um presente e um futuro melhor. Na crônica o funcionário não entende o que a moça vê de tão magnífico naquela estação, mas ela recebia sorrisos, ouvia história de amor, enquanto estava à espera do seu amado, ela conseguia ver o que olhos comuns não enxergavam, e nós conseguimos ver através da história de vida de cada estudante da EJA, marcas de alegrias, de tristezas, histórias de fé, e de superação.

O poema “Deus” de Clarice fala da ligação que as pessoas têm com Deus em momentos difíceis. O estilo da autora caracteriza-se numa experiência de introspecção, valorizando tudo que ocorre dentro si, trazendo tudo isso à tona na sua literatura. Precisávamos que eles interagissem com essa mensagem e contemplassem suas histórias, o seu íntimo, e assim narrar com as suas histórias de vida, como Clarice faz, passando o sentimento, a clareza, e ir além do que vemos, obter um olhar sensível àquilo que nos é comum. O poema revela a necessidade humana de se crer em algo, é preciso acreditar e ter o que nos ofereça um suporte, um consolo, uma proteção. Numa abordagem religiosa que marca a fé que podemos alimentar, pois a religião é uma experiência muito presente na vida das pessoas. E isso foi um aspecto que se revelou nas entrevistas.

Vivenciar a oficina literária com os alunos da EJA foi de suma importância, tanto para eles e elas, como para nós, enquanto educadoras, podemos dizer que o maior objetivo foi alcançado, gerar sentimentos e cumplicidades, bem como a experiência de reconhecimento. Através de cada leitura compartilhada, percebíamos os olhares atentos, viajávamos nas asas do vento, debruçadas sobre as janelas do tempo, observando o vai e vem da “Estação Pampilhosa”, pensamos que fazer como o moço chamado de Bocó, catar conchas e pedras na beira do rio, talvez nos abrissem um olhar mais sensível às histórias compartilhadas, confiadas a nós na pesquisa. Abrimos portas antes fechadas que nos levaram a banquetes nunca vistos, adornados com detalhes de riquezas do cotidiano, onde o conhecimento nos foi servido com mais sabor.

A exibição do vídeo documentário Enquadrados, de Marcos Cesário, que relata o cotidiano do Conjunto Penal de Juazeiro, foi trabalhada como oportunidade de refletir as histórias relatadas no vídeo e a partir disso ajudar a entender sobre narrativas de vida, e também sendo uma forma para os alunos refletirem sobre a relação do sujeito enquanto seres humanos, que por diversas circunstâncias perderam a sua liberdade, mas apesar disto não foram apagados a alegria de viver, de sentir, ficando claro que todos nós temos algo para

contar, que mesmo sendo pessoas anônimas temos histórias para compartilhar.

A partir desse pensamento de que todos temos algo para compartilhar e de que um olhar poético para o simples pode transformá-lo em algo sublime, estruturou-se o livro *Histórias que ninguém conta*, com o intuito de sublinhar vozes desses e dessas estudantes e a partir daí ter a possibilidade de conhecer a realidade dessas pessoas que fazem parte da EJA, explorando uma didática que esteja grávida das realidades dos educandos.

A abordagem feita por nós com o intuito de traçar o perfil de estudantes da EJA no Colégio da Polícia Militar Alfredo Viana, configura-se como uma Didática, a qual denominamos Didática Poética, essa, pautada na confiança, afetividade e auto-estima, fazendo o estudante se enxergar como parte do cenário social e cultural em que está inserido uma vez que, os contos, crônicas, textos e poesias que foram trabalhados ao decorrer da pesquisa foram selecionados com o objetivo de fazer o estudante se enxergar dentro das situações ali apresentadas, os textos mais simples, de fácil leitura e interpretação, serviram como uma ponte de aproximação entre as estudantes, o mundo literário e nós pesquisadoras, dentro de uma experiência pedagógica.

Com os alunos envolvidos e instigados a mergulharem no mundo da literatura o trabalho se tornou o mais aproximado possível das nossas expectativas, as entrevistas fugiram a estrutura de um padrão engessado, tornando-se mais contemplativas da realidade, os estudantes foram além do simples ato de responder perguntas, eles refletiram sobre suas histórias de vida, sobre a importância da educação no contexto social e se enxergaram como sujeitos fundamentais no campo da pesquisa e da construção de saberes na Educação de Jovens e Adultos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Evidencia-se através desse estudo o fato de que na escola circulam muitas histórias, estas que trazem marcas que dificilmente são deixadas atrás da porta, em casa, ou em qualquer lugar escondido, para depois sentar-se em uma cadeira escolar. As vidas acontecem e latejam dentro da sala de aula, e são histórias muitas vezes não contadas. Essas histórias podem temperar nossa trilha no exercer das relações pedagógicas, pois cada vida anônima é uma história presente numa sala de aula. Nós como pesquisadoras na educação acreditamos no potencial dessas entrevistas. Conhecer mais a fundo o perfil desses estudantes nos possibilitou conhecer suas dificuldades e as relações externas que acontecem fora dos muros das escolas.

As histórias apresentadas no livro “*Historias que ninguém conta*” ganharam um título de acordo com enredo de cada conversa, essas trazem ao leitor diferentes emoções, e percepções dos desafios que os estudantes brasileiros têm para ingressar e permanecer nas instituições de ensino como a “Nordestina arretada”, uma mulher de fibra que nos contou em detalhes como era difícil estudar a alguns anos atrás, principalmente por ser mulher, o que nos conta um pouco mais sobre a luta das mulheres para obter direitos básicos já garantidos aos homens.

Histórias simples e encantadoras como “O jovem agricultor”, que trata a terra como fonte de inspiração diária, não se sente seduzido pela vida nas cidades grandes, pois acredita no potencial do campo, um pensamento diferente de alguns jovens que se sentem seduzidos a migrar para a cidade pela dificuldade em permanecer no campo, o que nos faz refletir sobre a importância da educação no campo e do incentivo e apoio ao homem e à mulher do meio rural. Histórias que emocionam: “De repente mãe”, realidade de muitas jovens estudantes, que tem de cuidar da família, que acabara de nascer junto com seu bebê, sacrificando alguns anos de estudo. “Opala” que traz a história de um jovem cheio de sonhos, que tem uma visão tão bonita do mundo, um apaixonado pela vida e por tudo de bom que ela pode oferecer.

Histórias de jovens que carregam consigo as marcas do abandono paterno, realidade enfrentada por muitas crianças no nosso país. Jovens que sonham com uma profissão e qualidade de vida. A história de “Uma grande guerreira” que destacou na entrevista o preconceito sofrido por ser negra e classifica a sociedade como preconceituosa e machista. Apesar de falar que a vida é difícil, busca realizar seus sonhos e proporcionar uma vida melhor para seus filhos, através da educação.

Ao nascer, somos todos como grandes livros de páginas vividas, prontos para sermos confrontadas com tantas outras páginas vividas, pelas canetas, sejam douradas, prateadas, de cores diversas do tempo, entrelaçam-se às mais emocionantes histórias, onde somos por vezes heróis, por vezes vilões, mas sempre protagonistas do nosso enredo. E o bom disso tudo é que ainda nos resta tempo de sermos os autores da nossa própria saga. Temos no livro páginas de dores e tristezas, mas temos também capítulos inteiros de alegrias e superação. Ambas as partes são importantes e nos fazem sermos mais fortes, afinal somos livros de capa dura, não é qualquer pinguinho de chuva que nos faz se desmanchar.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos. In: Leôncio (org.) Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2007.

BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: a segunda infância*. Iluminuras de Martha Barros – São Paulo: **Editora Planeta do Brasil**, 2006.

BRUM, Eliane. A vida que ninguém vê/ Eliane Brum- Porto Alegre: **Arquipélago Editorial**, 2006.208.p

CARVALHO, Emiliania Gonçalves. Retratos de Retratos. Paulo Afonso: **Editora Fonte Viva**, 2010. 114p.

CÉSARIO, Marcos Gonçalves. Raza Razão. /Marcos Gonçalves.et.al Juazeiro: **Fonte Viva**, 2010. 72p.

\_\_\_\_\_. Enquadrados <<https://www.youtube.com/watch?v=QlvkjMajTkM>> Acessado em 01.0.2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2005.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2000.

\_\_\_\_\_. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. – São Paulo: Autores Associados: **Cortez**,1989

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. 3.ed.rev. e atual. Petrópolis: **Vozes**, 1992, 224p. Metodologias qualitativas.

LINS, Claudia Maisa Antunes (2020). Diálogos do Riso: Um campo aberto para repensar a arte e a educação. **Universidade de Coimbra**, Coimbra – Portugal.

LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: **Editora Rocco**, 1999.

NEVES, José Luís. Pesquisa qualitativa - Características, usos e possibilidades. IN: **CADERNO de Pesquisas em Administração**, São Paulo, V. 1, nº 3, 2º sem./1996. p 01.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96. Brasília: Câmara dos deputados, Coordenação de publicações, 1996.

O que é historia oral? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rl8CDDXFmTE&feature=youtu.be> Acessado em 01.07.2018.